

1

Introdução

O risco é tipicamente definido como a probabilidade de um resultado indesejável ou em termos de incerteza. Contudo, o risco pode ser calculado ou, pelo menos, previsto com base nas leis de estatísticas ou de probabilidade, enquanto a incerteza é considerada um componente não quantificável que está além de qualquer medida precisa (XIAO, 2008).

A tolerância ao risco é um fator importante que influencia uma ampla gama de decisões financeiras pessoais (SNELBECKER, ROSZKOWSKI e CUTLER, 1990). Esta é definida como a quantidade máxima de incerteza que alguém está disposto a aceitar ao tomar uma decisão financeira ou a disposição de se envolver em comportamentos cujos resultados são incertos com possibilidade de se ter um resultado negativo identificável (IRWIN, 1993).

Ao longo dos últimos quarenta anos, houve um movimento crescente para entender melhor tolerância ao risco do ponto de vista de finanças domésticas e psicológica (DIXON, 1998). Há uma série de fatores podem ser utilizados para compreender melhor tolerância ao risco, como os fatores demográficos, socioeconômicos, comportamentais e psicológicos. Xiao (2008) destaca um modelo adaptado e modificado por Irwin (1993) que divide esses fatores em biopsicossociais, que são fatores endógenos, em ambientais, que são exógenos, e em fatores de predisposição ou precipitação, que inclui os dois anteriores, pois são aspectos da vida do indivíduo que aumenta ou diminui o nível básico de tolerância ao risco.

Contudo, pesquisadores e teóricos têm tentado explicar a tolerância ao risco através de duas grandes vertentes: finanças tradicionais e finanças comportamentais. A primeira baseia-se na teoria da racionalidade do investidor e em modelos normativos, que visam descrever como as pessoas tomam decisão. Esta interpreta o risco através de medidas objetivas ou quantitativas. A vertente finanças comportamentais baseia-se na racionalidade limitada e em modelos descritivos, que tentam explicar como e por que as pessoas fazem as avaliações de

risco. Esta define o risco através da combinação de aspectos subjetivos ou qualitativos e elementos objetivos.

Este estudo visa corroborar com as pesquisas no campo de finanças comportamentais, uma vez que pretende explicar a tolerância ao risco através dos traços de personalidade do indivíduo, dentre eles os traços de personalidade do modelo Big Five (GOLDBERG, 1990) e os traços de gênero psicológico do modelo Bem Sex Role Inventory (BEM, 1994). Este é um tema relevante para a academia e para o mercado, pois existe uma carência de estudos similares no Brasil. É de suma importância na área de investimentos, uma vez que o mercado é formado principalmente por investidores individuais, cujos estão expostos a maior ou menor tolerância ao risco. Suas implicações vão desde um breve estudo sobre o tema até uma nova forma de se avaliar a tolerância ao risco de uma pessoa através de um questionário de personalidade.

A seção a seguir apresenta alguns estudos anteriores e uma revisão de literatura sobre os principais conceitos utilizados para entender a relação entre os traços de personalidade aqui considerados e a tolerância ao risco. As seções posteriores apresentam a metodologia, os resultados e a conclusão deste estudo.